

CARTA PASTORAL

JOSÉ MANUEL GARCIA CORDEIRO

ARCEBISPO METROPOLITA DE BRAGA

novembro
MMXXVI

TODOS JUNTOS NO CAMINHO DE PÁSCOA:
ILUMINADOS PELA ESTRELA

LEVAR TODOS A JESUS

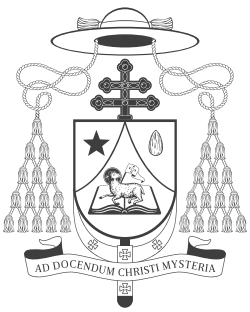
Coleção
ACCENDITE – 10

JOSÉ MANUEL GARCIA CORDEIRO
ARCEBISPO METROPOLITA DE BRAGA

CARTA PASTORAL

TODOS JUNTOS NO CAMINHO DE PÁSCOA: ILUMINADOS PELA ESTRELA

LEVAR TODOS A JESUS



Graça e paciência!

Estimados irmãos e irmãs da Igreja de Deus que peregrina na Arquidiocese de Braga: estamos juntos no caminho de Páscoa, isto é, na peregrinação do Essencial, que é o caminho do Evangelho. Quem caminha com Cristo não está de passagem: está em Páscoa.

Não há tempos ideais para viver o Evangelho. Que tempo nos toca viver? Este é um tempo complexo, mas também desafiante, que nos convida a ser samaritanos de esperança. Este é um tempo de semear processos de evangelização, ou seja, de encontro com Jesus Cristo. Este é o tempo de abraçar o desafio da complexidade. Como habitar e abraçar a complexidade deste tempo?

Gostaria de recordar a toda a comunidade eclesial o convite que o Santo Padre Leão XIV dirigiu aos bispos italianos, em junho de 2025: «*Em primeiro lugar, é necessário um impulso renovado no anúncio e na transmissão da fé. Trata-se de colocar Jesus Cristo no centro tanto do anúncio quanto da existência e, seguindo o caminho indicado pela Evangelii gaudium, ajudar as pessoas a viver uma relação pessoal com Ele, para descobrir a alegria do Evangelho. Em uma época de grande fragmentação, é necessário voltar aos fundamentos da nossa fé, ao kerygma. Esse é o primeiro grande compromisso que motiva todos os outros*».

A realidade antes das ideias e das ideologias. A grande Arquidiocese de Braga é muito diversificada e enriquecida pelas suas gentes e precisa de mais e melhores adultos na fé. Somos um povo que tem consciência

de que «*O amanhã da Igreja habita sempre nas suas origens*» (Papa Francisco). Por isso, um novo Ano litúrgico-pastoral é uma nova oportunidade de recomeçar e de dar prioridade ao Evangelho: na verdade, «*o ano litúrgico repropõe de modo sacramental a pedagogia da história da salvação, conduzindo os fiéis desde a espera do Messias até à plenitude do mistério pascal e à antecipação da glória futura. Nele, a Igreja celebra a atualidade salvífica do mistério de Cristo, permitindo que os crentes participem nele cada vez mais profundamente. Por isso, o ano litúrgico constitui o princípio inspirador e o quadro de referência essencial de cada ação pastoral*» (Leão XIV, audiência geral, 12 de agosto de 2026).

Juntos, queremos prosseguir o caminho de Páscoa que acontece em toda a vida comum e, nomeadamente, na Visita Pastoral. O Arcebispo São Bartolomeu dos Mártires entendia que «*a visitação é quase a alma do governo episcopal porque é por ela que o pastor se desfaz e consome em benefício e utilidade de todas as suas ovelhas*».

1. No trilho da conversão ao Evangelho

«*A prioridade é o Evangelho*»**,** afirmou o Papa Leão XIV em maio de 2026. Sim, «*é do Evangelho que nasce a fé, como encontro vivo com Cristo, morto e ressuscitado, presente na sua Igreja*», recordou o Papa, sublinhando que «*hoje, no contexto em que somos chamados a agir, confrontando-nos com outras perspetivas de vida e com desafios antropológicos inéditos, recolocar o Evangelho no centro é o dom que dá entusiasmo à nossa vida de Bispos e a urgência que nos impulsiona*». E acrescentou: «*A fé é transmitida e cresce onde há comunidades vivas e hospitaleiras, capazes de rezar e de ouvir; comunidades nas quais a Palavra de Deus não fica à margem, mas ilumina as escolhas, onde a Eucaristia é verdadeiramente fonte e culmine, onde os pobres não são destinatários externos de um*

serviço, mas irmãos e irmãs nos quais o Senhor nos fala; onde os jovens são rostos, vozes e histórias com quem dialogar; onde as famílias não são deixadas sozinhas e as feridas não são escondidas, mas levadas perante o Senhor com humildade; onde a fé se torna um compromisso efetivo na sociedade, na política, na cultura».

Eis, portanto, o convite a ter «*a coragem do essencial! A coragem de comunidades menos preocupadas em conservar tudo e mais livres para anunciar Cristo. A coragem de uma catequese que seja caminho de iniciação e formação permanente à vida cristã. A coragem de paróquias acolhedoras e missionárias, nas quais as famílias se reencontram e se renovam com a seiva do Evangelho. A coragem de organismos de participação vivos. A coragem de ouvir os jovens sem domesticar as suas perguntas. A coragem de nos deixarmos evangelizar pelos pobres. Um povo é gerado por mães e pais na fé, por comunidades que sabem dizer, com a vida antes mesmo que com as palavras: "Encontrámos o Messias" (Jo 1,41)*».

No âmbito da implementação dos Trilhos de Páscoa, reconheceu-se que existe já um caminho significativo realizado, mas identificou-se a necessidade de melhorar a comunicação, definir prioridades pastorais comuns e disponibilizar materiais e estratégias que facilitem a concretização local das propostas.

Deixei-me maravilhar com uma frase de Erri De Luca, um pensador e alpinista italiano: «*o futuro do rio não é a sua foz, mas a sua nascente*». Porque é de lá que ele continua a brotar. Aquilo que nos precedeu continuará a fazê-lo.

Os organismos de comunhão da nossa Arquidiocese, nomeadamente o Conselho Pastoral Arquidiocesano, têm sublinhado a necessidade de uma ação pastoral mais articulada, participativa e corresponsável.

Importa, por isso, fortalecer a comunhão entre departamentos, paróquias, unidades pastorais, movimentos e grupos, promover a formação de lideranças laicais e incentivar a partilha de boas práticas. Uma Igreja sinodal cresce quando aprende a escutar, discernir e agir em conjunto, colocando os diferentes dons e carismas ao serviço da mesma missão evangelizadora. Como concretizar este caminho? A famosa frase atribuída a São Francisco de Assis é: «*Começa por fazer o que é necessário, depois o que é possível, e de repente estarás a fazer o impossível*».

Recordo o que nós, bispos portugueses, propusemos na nota pastoral «Promover a renovação pastoral da Igreja em Portugal», acerca do primado da graça e nova mentalidade: «*Formar comunidades assentes no primado da graça, da contemplação, da comunhão e da oração, sabendo todos bem, pastores e fiéis leigos, que o essencial da vivência cristã e dos frutos pastorais na vida da comunidade não depende tanto do nosso esforço de programação e da multiplicação dos nossos passos e afazeres, mas depende sobretudo da transformação da nossa mente e da conversão do nosso coração operadas pela ação da graça de Jesus Cristo, que disse: "Sem mim, nada podeis fazer" (Jo 15,5). Neste sentido, queremos intensificar a oração pessoal e comunitária, dar a todas as ações litúrgicas a dignidade que lhes é devida, valorizar a celebração dos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação, criar grupos de escuta e partilha da Palavra de Deus*».

Queremos ser uma Igreja permanentemente em estado de oração, formação, renovação e missão, cada vez mais atenta a todas as pessoas e aos sinais dos tempos à luz do Evangelho. Prosseguimos no trilho da oração e vida espiritual.

A alegria da esperança é um tesouro raro e frágil. Temos necessidade de uma grande reserva de esperança e precisamos de uma enorme mobilização afetiva e orante de todo o povo de Deus. São Paulo

adverte-o: «*sejam iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes que esperança nos vem do seu chamamento, que riqueza de glória contém a herança que Ele nos reserva entre os santos*» (Ef 1,18). Na verdade, «*o momento da oração nunca é evasão, mas invasão do divino na nossa vida*» (São Paulo VI). E Evágrio recomendava: «*queres aprender a rezar? Reza!*»

Também São Bento, padroeiro da Europa e tão venerado entre nós, ensina-nos, com o seu lema de vida – *ora et labora et lege* – a recentrar a nossa vida em Jesus Cristo. Reza e trabalha e lê, quer dizer, ainda, reza e caminha, luta e contempla, lê a realidade e evangeliza, recomeçando sempre a partir de Jesus Cristo.

Neste sentido, é importante apresentar às comunidades uma proposta concreta: a divulgação do caderno que apresenta o trilho **Conversão ao Evangelho**, em formato digital e em papel, para que chegue ao maior número possível de pessoas. Este instrumento procura definir prioridades pastorais comuns e facilitar a concretização local das propostas, ajudando cada comunidade a recomeçar sempre a partir de Jesus Cristo, com maior comunhão, corresponsabilidade e esperança.

A propósito, na igreja de São João do Souto iniciamos a adoração eucarística perpétua, no passado dia 4 de junho, dia do "Corpo de Deus", para desafiar a coragem do essencial. Porque não chamar mais crianças, adolescentes, jovens e adultos para este encontro pessoal, confiante, adorante e esperançoso de formação presencial e vida espiritual? Ao menos perguntar: *para quem sou eu? O que posso fazer pelo Evangelho?* Jesus Cristo "CHAMA.te".

2. Renovar é Missão do Essencial

Renovar é a Missão, conforme vivenciámos na III edição do *Renovar*, de 23 a 25 de outubro passado. O *Renovar* nasce de uma convicção simples e profunda: a paróquia existe para evangelizar. Não se trata apenas de fazer mais coisas, nem de criar mais programas. Trata-se de redescobrir o essencial da missão da Igreja: anunciar Jesus Cristo, acolher as pessoas, formar discípulos e construir comunidades vivas. Prosseguimos no trilho de acolher e servir a todos.

O que queremos com este caminho de renovação? Com esta proposta de renovação pastoral, queremos: recentrar a vida da paróquia em Cristo e na missão; ajudar as comunidades a serem mais acolhedoras e participativas; formar discípulos e não apenas manter estruturas; envolver mais os fiéis leigos na vida e na missão da Igreja; apoiar párocos, conselhos pastorais e equipas paroquiais; promover uma verdadeira conversão pastoral.

Como pode a nossa paróquia ajudar mais pessoas a encontrar Jesus Cristo e a viver como discípulos? O *Rebuilt Parish* (Reconstruir a comunidade) é uma proposta católica de renovação paroquial. Tem como objetivo ajudar as paróquias a crescerem na fé, na participação comunitária e no impacto evangelizador. No centro deste projeto está o mandato de Jesus: «*Ide e fazei discípulos*» (Mt 28,19). A sua proposta oferece processos concretos, ferramentas práticas e acompanhamento para ajudar as paróquias a tornarem-se mais missionárias. Os discípulos fazem outros discípulos.

O *Rebuilt Parish* nasceu da experiência de renovação da Church of the Nativity, em Timonium, diocese de Baltimore, nos Estados Unidos. Esta comunidade viveu um profundo processo de transformação pastoral, procurando passar de uma paróquia centrada na manutenção

para uma paróquia orientada para a missão. A partir dessa experiência, começou a inspirar e a acompanhar paróquias e líderes pastorais em vários lugares do mundo.

O *Renovar* não é apenas para padres ou responsáveis paroquiais. É um encontro aberto a todos os que aceitam, com humildade e alegria, ser movidos pelo chamamento ao caminho de conversão e renovação permanente e desejam participar na renovação da Igreja e das comunidades. A renovação pastoral diz respeito a todos e precisa de todos. Este projeto deve ser vivido de forma sinodal. Isto significa que não é um caminho feito apenas por uma pessoa, nem apenas pelo pároco. É um caminho feito em comunidade. Queremos escutar juntos, aprender juntos, discernir juntos, evangelizar juntos. Juntos, podemos alargar o horizonte da missão; proporcionar experiências significativas de encontro, acolhimento e celebração a quem está perdido ou se afastou do Domingo; definir um caminho de discipulado; desenvolver vários níveis de liderança paroquial, ou melhor, de corresponsabilidade partilhada. Prossigamos no trilho da participação ativa e criativa!

Como Igreja de Deus na Arquidiocese de Braga, em processo de renovação, poderíamos perguntar-nos: de que forma olhamos hoje para aquele que se afastou das nossas comunidades, para o estrangeiro, para o pobre endividado, para aquele que tem dificuldade em pagar a renda e as contas de casa? O que estamos a fazer para sair do interior das nossas igrejas, procurando conhecer os rostos e os nomes de quem se afastou ou é estrangeiro e bate à porta das nossas comunidades, de quem é pobre e espera de nós generosidade e partilha? Que estamos dispostos a fazer para ir ao encontro dos mais afastados e indiferentes?

Missão é fazer casa. Aprender a fazer casa, onde tudo é eucarístico com a gramática do amor. A celebração da Eucaristia é a participação no pão de mil sabores, para que na vida seja tudo eucarístico. A Igreja nasce

e renasce à volta do altar. Que a ação celebrativa, a adoração eucarística e o silêncio orante nos renovem no essencial da evangelização. A Igreja precisa de pastores e de fiéis leigos servidores criativos e credíveis do Evangelho.

Portanto, teremos sempre de continuar a perguntar: esta atividade paroquial, este movimento, este grupo, esta reunião, esta celebração abrem o nosso coração a Cristo e aos irmãos ou fecham-nos no nosso egoísmo? Igreja Bracarense: naquilo que és e que fazes revelas o rosto do amor de Deus ao mundo de hoje?

A renovação das nossas comunidades passa, necessariamente, pela renovação dos processos de iniciação e amadurecimento da fé. Não podemos desejar paróquias missionárias sem cuidar dos caminhos que geram e acompanham novos discípulos de Jesus Cristo. A catequese não é uma atividade entre outras, nem uma tarefa confiada exclusivamente aos catequistas. É uma dimensão essencial da missão evangelizadora de toda a comunidade cristã. Renovar a paróquia implica também renovar a forma como anunciamos, acolhemos, iniciamos e acompanhamos na fé, fazendo de cada comunidade uma verdadeira casa de iniciação à vida cristã.

Para tal, criamos ainda a *Academia Arquidiocesana São Martinho de Braga*. A sua missão insere-se, predominantemente, no âmbito da tríplice ação pastoral da Igreja – Liturgia, Catequese e Caridade – para assegurar formação intelectual, humana, espiritual, pastoral e cultural de inspiração cristã.

Recentemente, a concretização do primeiro Fórum das Confrarias sob o lema «*Para uma Espiritualidade Sinodal – Caminhos de Comunhão, Participação e Corresponsabilidade*», surgiu porque o momento presente está marcado pela necessidade de revitalizarmos muitas das confrarias e irmandades da nossa Arquidiocese. Numa Igreja que pretende que os

seus membros sejam cada vez mais conscientes da sua responsabilidade missionária, fazer parte de uma confraria e irmandade significa que cada um, segundo a sua vocação, assume a responsabilidade de pôr em prática o mandato de Jesus Cristo de fazer novos discípulos, de anunciar o Evangelho, de colaborar na construção do Reino de Deus.

3. A Iniciação Cristã para adultos na fé

Ninguém nasce cristão, torna-se cristão. O percurso iniciático ou catecumenado, isto é, informar, ensinar, fazer ressoar, instruir pela voz de âmbito catequético-litúrgico e moral, destina-se não apenas a fazer o cristão, mas a própria Igreja. A insistência no carácter sacramental da Iniciação quer sublinhar a iniciativa gratuita de Deus. A evangelização exige um tempo de maturação na fé, no tempo a que se chama catecumenado.

Sem fé não existe vida humana. Como seria possível viver sem se fiar de alguém? Nós humanizamo-nos por relações de confiança, a partir dos nossos pais, a começar pela mãe.

Estamos a verificar o aumento de pedidos de Batismo de crianças, de adolescentes, jovens e de adultos. Como respondemos? Quais as principais dificuldades sentidas nas paróquias em relação a este assunto? Que rostos concretos tem, entre nós, a «*multidão de batizados não iniciados*»? Como os

acolhemos? Conhecemos e aplicamos as etapas do itinerário catecumenal? O que se pode fazer junto das paróquias e dos agentes pastorais para formar sobre o itinerário catecumenal? Estamos a partir do pressuposto de que as famílias ainda transmitem a fé ou reconhecemos que muitas precisam de primeiro anúncio e acompanhamento? O primeiro anúncio / kerygma tem lugar real nos nossos percursos, ou pressupomos uma fé que já não existe?

Por Iniciação Cristã ou iniciação à fé da Igreja, entendem-se os três sacramentos – Batismo, Confirmação e Eucaristia – que inserem o fiel no corpo da Igreja. Todavia, a Iniciação Cristã é muito mais que a preparação para a celebração destes sacramentos, sendo uma iniciação ao mistério de Jesus Cristo, ao mistério da Igreja e à vida cristã através dos sacramentos.

De facto, chegou o tempo de se «*oferecer a todos os fiéis uma iniciação cristã exigente e atrativa, comunicadora da integridade da fé e da espiritualidade radicada no Evangelho, formadora de agentes livres no meio da vida pública*» (Bento XVI, aos Bispos de Portugal em Fátima, 13 de maio de 2010).

Antes de mais, o *Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos* (RICA) será o caminho referencial. *As Orientações pastorais para a Catequese, Triénio 2026-2029*, propostas pelo Departamento Arquidiocesano da Catequese servirão de GPS para a nossa ação pastoral. Além disso, o livro editado pelo Secretariado Nacional de Liturgia – *Catequeses para a Iniciação Cristã* – será uma preciosa ajuda no caminho das Paróquias e das Unidades Pastorais.

O Papa Francisco, na Visita *Ad Limina Apostolorum* de 2015, pediu-nos: «*para passar do modelo escolar ao catecumenal: não apenas conhecimentos cerebrais, mas encontro pessoal com Jesus Cristo, vivido em dinâmica vocacional segundo a qual Deus chama e o ser humano responde*».

Não podemos esquecer que todos somos discípulos missionários e, constantemente, chamados a passar de discípulos a missionários: «*Ide, fazei discípulos de todas as nações; batizai-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo e ensinai-lhes a cumprir tudo quanto vos mandei*» (Mt 28,19-20).

A Iniciação Cristã apresenta uma unidade dinâmica, não de índole cronológica, mas de nível teológico. Internamente os três sacramentos, Batismo, Confirmação e Eucaristia, estão orientados entre si, como um processo formativo e uma verdadeira escola de fé, de esperança e de caridade.

À Iniciação cristã: «*chamamos-lhe, de facto: "nascimento", "renascimento", "nova criação" e "sigilo"; e depois também: "imersão", "veste", "crisma"; e ainda "dom gratuito", "iluminação" e "banho". Todos estes nomes têm um só significado: a iniciação batismal é o princípio do ser naqueles que são e vivem segundo Deus*» (Nicolau Cabasilas, séc. XIV).

Os preliminares gerais do Ritual Romano, tanto da celebração do Batismo das crianças como da Iniciação Cristã dos adultos, afirmam a centralidade da celebração do mistério pascal de Cristo: «*pelos sacramentos da Iniciação Cristã, os homens, libertos do poder das trevas, mortos com Cristo, e com Ele sepultados e ressuscitados, recebem o Espírito de adoção filial e celebram, com todo o povo de Deus, o memorial da morte e ressurreição do Senhor. Com efeito, unidos a Cristo pelo Batismo, eles são constituídos em povo de Deus e, depois de recebido o perdão de todos os pecados, libertos do poder das trevas, passam ao estado de filhos adotivos, feitos nova criatura pela água e pelo Espírito Santo, pelo que são chamados e são de verdade filhos de Deus*». Com efeito, a fecundidade da celebração sacramental é dada pela função insubstituível da comunidade cristã que acolhe e agrega a si o crente e o torna participante no mistério da morte e ressurreição de Cristo. Estas premissas ao rito oferecem os grandes temas doutrinais em relação à fé, ao mistério pascal, à entrada na comunidade eclesial e ao conjunto da Iniciação Cristã, nos quais gravita a celebração do Batismo.

A Iniciação Cristã, enquanto incorporação ao Mistério de Cristo e da Igreja, não se limita só à celebração dos sacramentos, apesar de ser o seu ponto culminante. Neste sentido, o Catecismo da Igreja Católica refere: «*desde o tempo dos Apóstolos que tornar-se cristão é programa que se processa através dum itinerário e duma iniciação em diversas fases. O itinerário pode ser percorrido rápida ou lentamente. Mas deverá sempre incluir certos elementos essenciais: o anúncio da Palavra, o acolhimento do Evangelho que implica a conversão, a profissão de fé, o Batismo, a infusão do Espírito Santo, o acesso à comunhão eucarística*» (Catecismo da Igreja Católica, 1229).

Nos caminhos progressivos da escolha da fé e da conversão, a prioridade é dada à evangelização. A Palavra inicia, acompanha e segue cada etapa da Iniciação Cristã, porque ler, meditar, rezar, contemplar as escrituras «é como passear pelo mundo agarrando Deus pela mão» (Y. Raguin). Alguém se torna cristão, porque adere à Palavra que é proclamada, escutada e celebrada. «*A fé, feliz dom de Deus, é o primeiro sinal, o primeiro presente da caridade divina para connosco. O amor de Deus manifesta-se-nos primeiro com a vocação à fé*» (São Paulo VI).

Precisamos de ir ao encontro das crianças, dos adolescentes e dos jovens, iniciando-os na vida cristã, para a construção de uma Igreja sinodal, missionária e samaritana, mas também sair ao encontro dos adultos que se afastaram da vida eclesial, propondo caminhos que os levem a redescobrir a beleza da celebração da fé e do seguimento de Jesus Cristo.

O Cristianismo é a boa notícia de que Deus nos criou para a felicidade, a felicidade que Deus é Deus. Ser cristão faz a diferença? O cristão deve ser uma testemunha, não de qualquer publicidade religiosa, mas do mistério vivo; deve ser um sinal de esperança e de coragem. A coragem é uma qualidade do coração. A coragem afasta do isolamento e

faz de nós pessoas humildes, isto é, como diz Santa Teresa de Ávila, faz de nós buscadores da verdade. A humildade é andar na verdade. Podemos até dizer que a humildade é o nome cristão da autoestima.

Ser cristão significa receber a boa notícia que nos foi transmitida por aqueles que viveram antes de nós. Para um cristão a Tradição é uma fonte contínua de novidade e de vitalidade. O Cristianismo não é, na sua essência, uma religião, pois tem em Jesus o Alfa e o Ómega, princípio e consumação de toda a busca e expressão religiosa. A fé não é para produzir um "retorno do sagrado", mas para transformar o mundo com Cristo. Acreditar não significa só saber e proclamar que Deus existe: significa aceitar ser postos em questão por tal verdade, antes de mais pela escuta da Palavra, de um Deus que fala. É o encontro com Cristo que faz o cristão. São Pedro diz que o cristão é «*aquele que ama o Senhor Jesus sem o ter visto e sem o ver acredita nel*e» (1Pd 1,8). «*Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente*» (*Gaudium et Spes* 22).

Cada vez mais, precisamos de propor percursos de formação, de cariz mistagógico, que ajudem catequistas, paróquias, párocos e famílias a compreender a riqueza espiritual, litúrgica, catequética e comunitária do itinerário da Iniciação Cristã. Estes percursos, tendo como referência o RICA e as Orientações pastorais para a Catequese 2026-2029, procuram favorecer a passagem de um modelo escolar a um modelo catecumenal ou mistagógico, em que o primeiro anúncio e o encontro pessoal com Jesus Cristo ocupem o centro do caminho de quem se torna cristão.

4. Espiritualidade do caminho

No caminho de Páscoa até 2033, Ano Santo da Redenção, teremos a alegria de celebrar em 2027 o Ano Santo Compostelano, Ano de graça e de perdão. Para este renovado caminho de Santiago e de Páscoa iluminam-nos as palavras com que Mateus descreve a experiência interior dos Magos do Oriente: «*Ao ver a estrela, sentiram grande alegria*» (Mt 2,10).

A alegria da esperança também se alimenta na peregrinação pontual ou de toda a vida. Sim, «*A alegria não foi feita para ser uma migalha*» (Mary Oliver).

Juntos no caminho de Páscoa, para levar Jesus a todos e todos a Jesus, que cada um de nós, cada família, cada comunidade possa experimentar a espiritualidade do peregrino: «*não ardia cá dentro o nosso coração, quando Ele nos falava pelo caminho?*» (Lc 24,32).

Uma expressão natural da fome de religião é andar em peregrinação. Por ano, milhões de pessoas vão a Roma, a Santiago de Compostela, à Terra Santa, a Lourdes, a Fátima, a São Bento da Porta Aberta. E a Taizé, quantos milhares de jovens peregrinam?

Aprendi que a concha ou vieira, característica do peregrino de Santiago de Compostela, simboliza a mão, sinal do amor cristão e do serviço de fraternidade. As mãos do peregrino servem os outros peregrinos nas obras de misericórdia e na caridade, curando as feridas, tomando a iniciativa e criando a proximidade. As mãos do peregrino são Páscoa cristã: passagem da indiferença à compaixão.

As mãos santificam e oferecem a Deus e aos irmãos o perfume da unção espiritual. O grande teólogo Padre Romano Guardini escreveu: «*bela e grande é a linguagem da mão! Dela diz a Igreja que no-la deu Deus para "nela trazermos a alma"*».

A piedade popular é um relevante e decisivo meio de transmissão da fé. As expressões da piedade popular têm muito que nos ensinar e, para quem as sabe ler, são um *lugar teológico* a que devemos prestar atenção particularmente na hora de repensar a nova evangelização e na questão da transmissão da fé.

Seguir Jesus Cristo é, para toda a Igreja, consequência da vocação à santidade de vida nascida do Batismo. A amizade fraterna e a comunhão sincera na corresponsabilidade são mais importantes do que trabalhar sozinho. Precisamos de agir em união e na paz, como pedimos ao Senhor Jesus Cristo, todos os dias na Eucaristia: «*Não olheis aos nossos pecados, mas à fé da vossa Igreja e dai-lhe a união e a paz, segundo a vossa vontade*».

Para tal, partir significa perder os pontos de referência na esperança de ganhar tudo. Escreve um autor espiritual: «*Há gente que vai em peregrinação para terras distantes. Vai em procissão à volta do templo sem nunca entrar no santuário. Mas eu vou em peregrinação até ao amigo que habita em mim*» (Angelus Silesius).

Em ligação com o caminho de Páscoa que estamos a percorrer e com o Ano Santo Compostelano de 2027, propomos a realização de uma peregrinação arquidiocesana a Santiago de Compostela, como experiência de graça, de perdão e de comunhão eclesial. Será no dia 18 de setembro de 2027, sábado, com a celebração da própria Arquidiocese em Santiago. Será também proposto um percurso a pé, para quem desejar fazê-lo, de modo a chegar a Santiago no dia dessa celebração. Que, tal como os discípulos de Emaús, possamos sentir arder o coração pelo caminho e fazer da espiritualidade do peregrino um passo de Páscoa: da indiferença à compaixão, com as mãos abertas ao serviço dos irmãos.

A santidade na nossa vida e no ministério diferenciado ao serviço do Evangelho encontra o seu dinamismo nesta exortação paulina: «*Por isso, vos exorto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais os*

vossos corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus. Seja este o vosso verdadeiro culto, o espiritual. Não vos acomodeis a este mundo. Pelo contrário, deixai-vos transformar, adquirindo uma nova mentalidade, para poderdes discernir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito» (Rm 12,1-2).

Pedimos ao Espírito Santo, "criador de humanidade" e "consciência da Igreja", que nos conceda um coração dócil ao Evangelho. Santa Teresa de Calcutá exortou: «*reze – eu devo ser capaz de apenas dar Jesus ao mundo. As pessoas estão famintas de Deus. Que encontro terrível teríamos com o próximo se apenas lhe déssemos nós próprios*».

Podemos então interrogar-nos: «*as nossas atividades fazem crescer na fé? Formam discípulos missionários? Ajudam a amadurecer responsabilidades eclesiais? Geram uma fé adulta, capaz de se traduzir em escolhas concretas de vida e de serviço? O coração do método que vos proponho é, no entanto, uma pergunta muito simples: "Para quê?". Trata-se de pararmos juntos e nos perguntarmos, sobre cada coisa que se faz: para que é que a fazemos? Que intenção evangélica nos move, a que necessidade real pretendemos responder, como é que esta opção corresponde à missão da Igreja? E então, o segundo passo: por que alcançamos estes resultados e não outros? Porque é que algumas iniciativas geram caminhos e outras ficam isoladas? Porque é que algumas pessoas participam e outras ficam de fora? Do encontro entre as razões das nossas escolhas e as razões dos seus efeitos, nasce um discernimento autêntico, que permite reconhecer o que deve ser mantido, valorizado, corrigido, abandonado ou iniciado*» (Leão XIV, 18 de setembro 2026).

Por isso, «*a primeira atenção: encontrar Cristo e fazê-lo encontrar. A Igreja não existe para si mesma, mas para conduzir cada pessoa ao encontro com o Senhor; e, portanto, não basta perguntar se uma atividade é bem organizada, se é participada, se já dura há muitos anos; devemos pergun-*

tar-nos se ela realmente conduz a Cristo, se leva o Evangelho à vida concreta das pessoas» (Leão XIV, 18 de setembro 2026).

A iconografia da Senhora do Sameiro não tem o Menino Jesus ao colo. A Mulher admirável, «mais bela só no céu», tão expressiva quanto bela, tem uma mão sobre o coração e a outra estendida a abençoar. É um coração "em saída", que dá amor por amor. E esse coração é Jesus Cristo, seu Filho: não é o filho, ou a filha, o coração de uma mãe? Já Santa Maria de Braga tem o Menino ao colo, e é Ele mesmo quem acaricia o coração da Mãe. Da Sé ao monte, a Mãe vai à frente: no colo e no coração leva o Filho. Com Ela não damos passos em falso, damos passos em Páscoa.

Fafe, 28 de novembro de 2026, V Assembleia Arquidiocesana

✠ José Manuel Cordeiro
Arcebispo Primaz



JUNTOS NO CAMINHO DE PÁSCOA
Levar Jesus a todos e todos a Jesus

«Juntos, em processo sinodal dinâmico, seremos capazes de imaginar um futuro diferente para a Igreja Bracarense: alegria contagiante, escuta acolhedora, portas abertas, mãe que busca os seus filhos, centrada no Evangelho, discípula missionária, formação permanente, comunhão pastoral» (D. José Cordeiro, Carta Pastoral «Juntos, somos Igreja Sinodal Samaritana. Onde há amor, aí habita Deus», 2022).

MISSÃO

Levar Jesus a todos e todos a Jesus.

VISÃO

Juntos, em processo sinodal dinâmico e em caminho de Páscoa, seremos capazes de imaginar um futuro diferente para a Igreja Bracarense.

VALORES

Alegria contagiante | Escuta acolhedora | Portas abertas
Mãe que busca os seus filhos | Centrada no Evangelho
Discípula missionária | Formação permanente |Comunhão pastoral

JUNTOS NO CAMINHO DE PÁSCOA

1. Participação ativa e criativa

Promover o diálogo permanente entre todos.

Incentivar a participação ativa de todos na tomada de decisões e nas diferentes atividades e iniciativas.

Estimular a criatividade como meio para a renovação constante.

Interpelar à busca incessante de novos caminhos, novos modos de fazer, novas formas de chegar ao coração e à vida de cada um.

Estabelecer plataformas de diálogo aberto e de consulta nos processos de tomada de decisão, envolvendo diversas vozes e perspectivas da comunidade (paroquial e diocesana).

2. Avaliação sobre a missão

Procurar uma avaliação contínua das forças e das fragilidades inerentes a cada realidade eclesial, potenciando os aspetos positivos e tentando superar os menos favoráveis, sempre numa matriz fraterna.

Buscar novos métodos, estratégias e linguagens para evangelizar e formar os membros de cada comunidade.

Implementar estratégias de comunicação eficazes, incluindo a utilização de meios de comunicação modernos, para transmitir mensagens de forma clara e inclusiva, assegurando que todos possam compreender e envolver-se na missão.

3. Servir e acolher a todos

Promover espaços e momentos para ouvir as necessidades, ideias e sugestões dos membros da comunidade, incluindo as famílias, os jovens e os grupos mais vulneráveis, assegurando um ambiente acolhedor para uma comunicação aberta.

Ser Igreja em saída, que vai ao encontro de todos, que a todos acolhe, que se revela, para todos e cada um, rosto de Jesus Cristo, imitando fielmente a sua pedagogia e o seu modo de servir e amar.

Desenvolver programas e serviços de proximidade que satisfaçam as diversas necessidades da comunidade, dando ênfase à inclusão e a um espírito de hospitalidade e acolhimento.

4. Conversão ao Evangelho

Incentivar a colaboração entre todos (pessoas, grupos, movimentos, ...), promovendo a comunhão e a complementaridade.

Promover a edificação da Igreja Sinodal Samaritana, configurada a partir da Páscoa e peregrina.

Dar ênfase ao encontro permanente com o Evangelho, encorajando as pessoas a aprofundar a sua compreensão e o seu empenho em viver os valores do Evangelho na sua vida quotidiana, num caminho contínuo de discipulado.

5. Oração e vida espiritual

Cuidar a vida espiritual dos fiéis e valorizar as celebrações litúrgicas para que estas sejam, efetivamente, um momento de encontro com Deus e com os irmãos.

Incentivar a participação ativa e o envolvimento de todos nas diferentes celebrações litúrgicas.

Encorajar e promover o crescimento e o amadurecimento espiritual de cada um.

6. Alargar os horizontes da missão

Focar a pastoral na missão de evangelização, buscando novas formas de comunicar a mensagem de Cristo e de chegar às periferias existenciais da sociedade;

Investir em formação para que os membros da comunidade, juntos, possam ajudar a edificar a Igreja Sinodal, servindo-a com alegria e amor.

Agenda Arquidiocesana 2026 – 2027

Dezembro

1 – Dia Arquidiocesano do Catequista
13 – Bênção das Grávidas (Catedral – Pastoral Familiar)
22 – Encontro de Natal do Clero

Janeiro

6 – IV Assembleia do Clero
9 – III Encontro Sinodal Nacional (Fátima)
23 – 3.º Encontro Arquidiocesano de Pastoral Litúrgica
24 – Instituição no Ministério de Leitor (Seminário)
25 a 28 – Retiro para Padres (orientador: D. Antonino Dias)

Fevereiro

2 – Recoleção para o Clero (Orientador: Prof. Ricardo Zózimo)
20 – Conselho Pastoral Arquidiocesano

Março

9 – Recoleção para o Clero (orientador: Cristina Inogés Sanz)
25 – MISSA CRISMAL
26 – Celebração da Paixão do Senhor
27 – Vigília Pascal
28 – Páscoa do Senhor

Abril

18 – ORDENAÇÕES DIACONAIS

30 – 31.ª Peregrinação Nacional dos Acólitos (Fátima)

Maio

1 – 31ª Peregrinação Nacional dos Acólitos (Fátima)

11 – Recoleção para o Clero (orientador: Frei Luís de Oliveira)

14 – Conselho Presbiteral

15 – Encontro dos Movimentos Laicais

15 – Instituição no Ministério de Acólito dos candidatos ao Diaconado Permanente

27 – Solenidade do Corpo e Sangue de Cristo

Junho

4 – Solenidade do Sagrado Coração de Jesus – Esperançar: Encontro do Clero

6 – Peregrinação Arquidiocesana ao Sameiro

Julho

3 – Dia Arquidiocesano da Juventude

18 – ORDENAÇÕES PRESBITERAIS

25 – Dia Mundial dos Avós e Idosos (Catedral – Pastoral Familiar)

Agosto

3 a 8 – Jornada Mundial da Juventude (Seul, Coreia do Sul)

28 – 938.º Aniversário da Dedicação da Catedral

Setembro

11 – Conselho Pastoral Arquidiocesano

18 – PEREGRINAÇÃO ARQUIDIOCESANA A SANTIAGO DE COMPOSTELA

28 – Recoleção para o Clero

Outubro

2 – 7.º Encontro Arquidiocesano de Acólitos (Santuário Eucarístico de Balasar)

10 – Dia Arquidiocesano da Família (Fafe – Pastoral Familiar)

22 – Solenidade de São Martinho de Braga (Padroeiro Principal da Arquidiocese)

15,16 E 17 – RENOVAR

Novembro

5 a 7 – Formação inicial para Ministros Extraordinários da Comunhão

20 – Encontro para os animadores dos Movimentos Laicais

22 a 25 – Retiro para Padres (orientador: Pe. José Antunes, SVD)

27 – VI ASSEMBLEIA ARQUIDIOCESANA

WWW.ARQUIDIOCESE-BRAGA.PT

ARQUIDIOCESE
DE BRAGA